

Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br
PROJETO DE PESQUISA COLETIVA
Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

ANNA BROCKES
1852-1940
(Celeste Ribeiro de Sousa)

2012

Como o Tio João virou feiticeiro*

Anna Brockes

O velho Tio João é uma figura importante, não apenas em Amaro Leite, onde nasceu, mas em todos os arredores. Não importa aonde vá, sempre é cumprimentado com alegria. “Apeia”, diz-lhe o anfitrião quando ele chega montado em sua jumenta muito esbelta, o cavalo dos mais pobres. “Bença” tio, dizem as crianças que se aproximam, esticando a mão espalmada para lhe tocar a têmpora, como se o cumprimentassem. A esposa coloca de lado a roca, apressa-se ao fogareiro sempre aceso e coloca uma panela de barro nas chamas para passar o café o quanto antes.

Logo, o dono da casa e o hóspede põem-se de cócoras na soleira e bebericam, das pequenas “cuités” (cabaças secas), a deliciosa bebida marrom, como sinal de boas-vindas.

Não demora muito, aparecem também os vizinhos, todos reclamando de algum problema de saúde. Todos recebem o seu golinho de café, e, então, começam a fazer suas queixas ao Tio João, o “raizeiro”. Um sofre, há dias, com as piores dores de dente, o outro tem falta de ar, o terceiro e o quarto estão com “dor na boca do estômago”, a situação do quinto é ainda pior, pois uma mulher muito má enfeitiçou-o, colocando um grande “calango” (calango é um lagarto grande e verde) em sua barriga. O sexto tem um filho com uma “bicheira” enorme.

Para cada um, o Tio João tem um remédio, que já traz consigo na grande bolsa, feita do couro curtido, marrom avermelhado, do “matero”, a corça esguia. Está abarrotada de ervas e raízes, que serão fervidas e darão origem aos diversos tipos de medicamentos. Para todos os males, o Tio João tem um remédio, até para a terrível “dor de cadeira”, que acomete muitos homens e mulheres por aqui. E quando os bois, de alguma forma, têm uma ferida maligna, e não se pode

* Tradução de Jael Glauce da Fonseca e Ingrid Maria Santos da Silva. Brockes, Anna. *Wie Tio João ein Zauberer wurde*. Texto inédito encontrado no Arquivo do Instituto Martius-Staden.

ajudá-los, porque são arredios, nesse caso pede-se a “bença” ao Tio João. Não importa o quão distante o gado esteja no campo, Tio João diz a “bença”, e as larvas rolam ao chão como se fossem obrigadas a sair, e a ferida sara.

De todos os lados, ouve-se: “Deus lhe pague”, e, com um „te ca“ (até breve), o grupo se dispersa. Com pesar, Tio João olha os que partem apressados. Esperava que alguns dos pacientes lhe pagassem velhas dívidas. Pelas “mezinhas” (remédios), que lhes fizera contra todos os tipos de dores, deveria receber, como remuneração, alimentos em troca; agora partia de novo sem nada.

De mau-humor monta a jumenta e, enquanto enrola e acende um cigarro, vai resmungando, fazendo a mula andar com as grandes esporas presas aos pés descalços. À medida em que avança, trotando, vai remoendo tudo isso amargurado, e com as sobrancelhas franzidas, pensa em como poderia melhorar sua situação. Ah, se tivesse um vida tão boa como a de seu camarada em Água Quente. Este não se contenta com um “Deus lhe pague”. Não, sempre recebe, de todos, o melhor. Certamente, isso acontece, porque ele é um “feiticeiro”, um “Zauberer”, que não só pode ajudar, como também prejudicar aquele que não paga.

“Oh, se entendesse um pouco desse assunto!”, suspira o Tio João que, embora possua olhos bem espertos no seu rosto bondoso, tem pouca chance de se tornar um feiticeiro temível.

De repente, seu rosto se ilumina. “Já sei! E isso deve dar certo!!”, ele exclama. “Um tatu ou um tamanduá podem me ajudar”. E uma risada divertida estica-lhe os lábios, deixando-lhe à mostra os dentes bem afiados e polidos.

Algumas semanas depois, um dos habitantes de Amaro Leite fez um grande “muchurão” (mutirão), ou seja, ele convidou vizinhos próximos e distantes para ajudá-lo na limpeza das plantações, e, como compensação, hospeda-os à noite. Assim, todos compareceram pela manhã munidos com foices afiadas. Tio João não compareceu, mandou recado por seus vizinhos que tinha de preparar remédios. Mas, na verdade, ele toma um atalho, dirige-se para uma capoeira, situada um pouco mais acima da roça, procura um lugar agradável, de onde pode observar aqueles que trabalham na roça, sem ser observado por eles. Aguarda e fica ouvindo. Não demora muito, ressoa lá em baixa gritaria e vozerios. Na roça, há uma caçada selvagem. À frente, um enorme

tatu canastra, atrás, vinte ou mais pessoas do muchurão (mutirão), atacando-o com foices e facões. Inúmeras pancadas atingem o tatu, sem machucá-lo, graças à sua forte carapaça. Por fim, ele consegue escapar pela cerca, em direção à mata.

Então, ao meio-dia, quando todos estão acorados em volta do fogo e saboreiam o feijão e a farinha de milho, aparece o Tio João. Mas o pobre diabo está com uma aparência terrível! Tem a cabeça enfaixada, sobre a bochecha esquerda e também sobre o nariz há um curativo. O braço esquerdo está na tipoia. Uma das mãos totalmente enfaixada. A outra apoiada numa bengala. A qualquer movimento, geme que dá pena.

Assustados, todos se levantam e rodeiam-no, bombardeando-o com perguntas. “Oh, Tio João, coitadinho, o que aconteceu? Quem machucou o senhor assim? Foi a onça? Foram pessoas malvadas?”

Responde o Tio João: “Ingratos! Vocês ainda perguntam! É assim que vocês agradecem ao seu benfeitor! Enquanto eu me sacrifico por vocês para retirar da terra as raízes medicinais, vocês me atacam e maltratam! O! Estas dores! O! O! Vocês vão me pagar por isso!”

„Mas, Tio João! O tatu?“

„Era eu. Claro. Como conseguiria eu, afinal, arrancar as raízes duras da terra firme, por entre as pedras?“

Aí, todos se ajoelham à sua frente: “Tenha piedade, Tio João! Perdoe, Tio João!”

Desde então, o Tio João não passa mais necessidades. Cada um se apressa a pagar-lhe os medicamentos com frangos e ovos, com carne e bacon, com feijão, arroz e farinha, alguns até mesmo com aguardente.